

Aracy Cortes, a "Linda Flor"

A HOMENAGEM NOS SEUS 80 ANOS

Pelcos
Palcos

O olho pequeno, estrito, mantém um olhar intenso. Um tanto mais duro. As traças conservam a melícia e, à primeira vista, aparenta disposto ("É pura sem-vergonhice") e os gestos são decididos. Mas tudo é permeado por um grande amargor. Afinal, ela é **Aracy Cortes**, a grande cantora, coberta de jôias e glórias, banhada, que hoje, às vésperas de completar 80 anos (dia 31 de março), mora num quarto alugado numa casa de comôdios em São Francisco Xavier. Outro dia, não conseguiu matar uma raiatana que entrou no quarto. Tem tomado relaxantes.

A homenagem a quem criou um estilo e influenciou gerações foi feita com o cuidado e o carinho que a intérprete primeira de Jara e Ai, **Isidoro Miller**, deu semanas com um show na Sala Sidney Miller da Fuarre (de amanhã a 7 de abril), o lançamento de um livro sobre sua vida, escrito pelo pesquisador Roberto Ruiz, e de um disco com gravações de matizes antigos, produzido por Jairo Severiano. Estes dois no dia 3 de abril.

É o Projeto Linda Flor (nome do show, disco e livro), feito pela Fuarre, cuja intenção — mas importante para a homenagem — é iniciar um movimento para conseguir uma pensão especial do Governo. Como Henrique Moriceau conseguiu recentemente.

Sobrevento com dois salários mínimos que recebe do Estado, numa situação que teve sua auto-estima ("Sou a raiatana troço todo"), essa cantora que já foi chamada de "A voz de ouro", "a alma da revista", "a dama do teatro" preferiu não detalhar as condições em que vive. Nem permitiu visitas à sua moradia. Uma situação que considera quase tão impropriedade como as piadas de duplo sentido e as histórias sobre colegas que desfilam com língua fêrrica. Tem verde ainda, mas é como se lêsse o script da própria vida.

Estou sofrendo demais, não é o meu ambiente. Já morou no assunto? Ai é que está o dia — comenta quando o assunto é sua casa. Quem tocava de carro todo ano — e foram 10 Chevrolet — brilhou nos palcos e cobriu-se de jôias, fuma agora um cigarro de C\$5 200,00 o maço. — Não digo o nome para não fazer propaganda.

E perdeu tudo aos poucos, artistas e publicistas empilhados, vendidos, sustentando os anos longe do palco.

Primeiro abandonou-o em 1942 ("Morream os autores, acabou-se a revista"), houve uma volta em 1952, com O bode está solto ("Foi uma apoteose"), e o Rosa de Ouro em 1965. Depois os espetáculos na Fuarre em 1976, 1978 e 1980. Tinha "pouca cabeça" para se manter. Ficou a experiência, diz. Nem o acervo manteve. Foi vendido no ano passado para o pesquisador de música popular Ary Vasconcelos por C\$5 100 mil. Recordes de jornal, fotos, algumas roupas. Tudo estava guardado com J. Maia, contra-figura de teatro, já incondicional da estréia, que acabou se transformando num misto de empresário, amigo, pai, filho, tábua de salvação. Dizem até que é mandio, atalha Aracy, irônica.

O acervo ficava na casa de J. Maia — magro, 41 anos, sonhando em pedir a Roberto Carlos uma casa para a estréia — pois na casa da irmã da cantora, onde ela morava, mal havia espaço para Aracy. Acabou saindo de lá.

Se tivesse família, diria que não tinha — afirma. J. Maia também se mudou e a venda — recebeu o dinheiro para Aracy — foi meio "desesperada", como sentiu Ary Vasconcelos. O valor material de um acervo desses é sempre relativo, observa o pesquisador, mas é "muito mais valioso". Quem deveria cuidar disso era o Governo, é claro, mas Ary define sua experiência com origos culturais como "decepcionante".

Ele deve ter oferecido a um, a outro. Tinha de resolver, e aí é melhor ficar na mão de um particular do que ir para o lixo, como tantos acervos já foram.

Os corpos fêrricos se sucedem durante a entrevista. Aracy tem muita sede, devido à diabetes, que, somada ao problema da pressão, são as consequências do momento em que vive.

É tudo de fundo emocional — garante Aracy, o risco da sobrinheira em lépis preto, um blush escondendo a palidez do rosto, batom. Não se anima para o show, "nem para a vida". Nem tem mais esperanças de conseguir a pensão especial. Bastaria para tal uma parada do Presidente, porque a comprovação junto ao INAMPF é aquele processo longo, quase impossível de provar — de acordo com as experiências hipotéticas — o trabalho numa época em que não havia, no teatro, nem dia de folga.

Eu falho exatamente o que acho — diz, acreditando que isso é prejudicial.

É o show e a mesma bobagem de sempre, não dá sensação. Com pureza d'alma, não gosto mais da profissão.

Mas foi ela mesma quem fez questão de participar da homenagem, mesmo cantando poucas músicas, como conta o diretor da sala da Fuarre, Erigo de Freitas. A ideia do diretor do espetáculo, Arthur Laranjeiras, é uma homenagem sem digungismo, com a retrospectiva que caracteriza Aracy. Fampoua uma retrospectiva que seria impossível, mas alguns dos seus sucessos ("E todos torram sucessos, sem vitupérios", diz a cantora), cantara acompanhada por Marília Batista e o conjunto **Coroando Bambino**.

caderno

B

Nas décadas de 20 e 30, Aracy era "a figurinha da brasileira petulante", segundo o jornalista Mário Nunes. Hoje, aos 80 anos, passa tantas dificuldades que não quer nem contar

Fernando Trovobald



seguiu a ideia pioneira de Aracy, de vestir uma batiana no palco). No teatro, marcou Alda Gantcho e Deryc Gonçalves. Foi ela quem lançou um gênero, o samba-canção, com Ai, Isidoro, de Henri-que Vogeler e Luis Peixoto, inovou cantando o samba de outro jeito, sem a pompa e o vozeto que caracterizavam os cantores da época. Era brejeira, o olhar dizia tudo.

O repertório de Aracy — diz Jairo Severiano — variava da canção romântica ao samba sacudido, de letra maliciosa, que ela interpretava com chistes e requiebros, levando ao delírio os frequentadores de seus espetáculos.

E estes eram hábitos, dois por noite, três nos dias de manê. Uma vez foi convidada para fazer a sanziarana na Palácio de Cristo, mas o público lá tanto quando ela aparecia, que teve de ir para a caixa cantar a Ave-Maria.

Nasceu no Estádio. Aos 16 fez a primeira revista, lançou o compositor Assis Valente, foi a primeira a cantar Aquarada do Brasil de Ary Barroso. Colecionou êxitos, sucessos, fês, excursões e se apresentou em Portugal, França e Argentina.

Meu repertório é uma reliquia. Coisa muito fina, e ninguém consegue me imitar. As vezes, elas pegam meu Ai, Isidoro para assustar. São umas audaciosas, contou Aracy há poucos anos, quando ainda falava da carreira. Neste espetáculo ela não canta Ai, Isidoro. "Enjoo!"

Chegou a ser dona de companhia teatral, or deixou sua marca personalíade forte, exigiu ditatorial, ela mesma cantora. Por isso, o período de 15 dias que passou há algum tempo no Rio de Janeiro não foi dos mais acalorados. Estavam com as mesmas atencidas, constas, giros que trabalharam com ela. Aracy ouviu um bocejo que lhe dizia tudo.

Como pessoa, define-se como um coraçãozinho outro. Até alguém pisar em seus calos. E contou morrendo de medo de homem: a grande paixão, Renato Meira Lima, secretário de Washington Luís. Mas não quer falar de nada disso, das glórias e anos.

Aracy se expõe, conta Laranjeiras, diz o que passam pela cabeça de todo velho, mas o põe impede de por pra fora.

Essa é a para dela. Aracy se diz triste, sofrendo. Na última fita do disco Linda Flor está gravada a sua vez de dizer hoje os versos de um samba a ela dedicado Assis Valente: "Nasci artista / nasci sambista / hoje não me arrependi / público amigo que inda esquece / quem te agradece / Aracy / os n sucessos contigo estão — e os teus aplausos no coração / hei de morrer como nasci / sempre cantando sempre Aracy". Que Assis Valente um bom profeta.

Costas, Nancy

U. Herera & N. Herera 1927 - 1935 Não fui, ainda sou uma grande estrela

NÃO há nada de novo na música, porque tudo o que fazem hoje em dia é inspirado no que a gente já fez, quem diz isto é Aracy Cortes que está de volta com seu repertório, "que é uma reliquia", para representar ao lado de Carvalhinho, "parceiro de muitos sucessos", e para fazer graça, segundo ela. O espetáculo será inaugurado hoje, às 21h, na Sala Sidney Miller.

Além disso - adianta - Albino Pinheiro quer que eu faça uma apresentação no Sés e Meia. A Embrafilme está interessada em realizar um filme sobre a minha vida, mas ainda estou pensando no assunto, não sei se vou aceitar. Se colocarem travestis no filme, não faço, porque eles gostam de aparecer mais que a gente", vai logo advertindo.

Aos 76 anos, carioca do Catumbi, Zilda de Carvalho Espindola é neta de paraguaio e filha de brasileira com espanhol, "uma mistura danada". Sua estreia profissional ocorreu em Nós de Costas, em 1921, no Teatro Recreio, já com o nome artístico sugerido pelo jornalista Mário Magalhães, de A Noite. Mas Aracy não gosta do passado e sim do presente.

ESTRELA

Sempre que há gente à volta, ela não perde tempo: desanda a contar piadas, picanhas, de décadas atrás, agora, até ingênuas, e nunca deixa de lembrar que é uma estrela. E é mesmo. Nas décadas de 30 e 40, então, não é bom lembrar, que os sucessos são muitos e estrondosos. Aracy Cortes marcou na música e teatro de revista.

E fica zangada quando se referem a ela no passado. "Eu



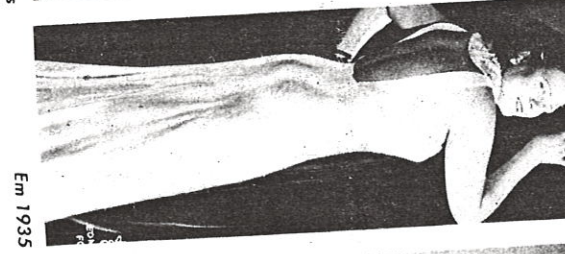
Em 1927



Em 1928



Em 1930



Em 1935



Em 1935

Aracy, em 1935, num programa de rádio em Buenos Aires

não fui, eu ainda sou", faz questão de deixar bem claro. "Enquanto eu chegar ao palco e o público me reverenciar, a vida tem sentido. O público, na verdade, é minha família, porque eu não tenho ninguém e não gosto de ninguém no meio artístico", afirma a atriz com mágoa indistarcável.

Após várias décadas de dedicação ao gênero revista, ainda não mereceu o reconhecimento governamental. Certa vez, o Governo negou-lhe o financiamento para uma montagem, porque, segundo alegaram, "seu trabalho não era considerado arte". Quanto ao meio artístico, Aracy se queixa de invejas e ciúmes por parte de outras artistas de sua época.

MUSICAL

Paulinho da Viola a consi-

dera uma das cantoras mais musicais que já conheceu e ele deve saber bem disso, porque, afinal, foi ao lado da estrela que o compositor apareceu pela primeira vez em palco. Foi no Rosa de Ouro, há 15 anos, quando Herminio Bello de Carvalho também lançou de Clementina de Jesus. Como líder do elenco, Aracy Cortes, é claro.

"Meu repertório - diz - é uma reliquia que não relembro, porque não são coisas passadas, mas atuais. Eu, na verdade, vou apresentar desta vez um repertório que só eu sei cantar, que ninguém sabe e não adianta imitar." Quem não conhece, por exemplo, sucessos como Ai João, de Henriette Assis, Jura, de Sinho, e Tem Francesa no Morro, de Assis Valente?

Além disso, Aracy lançou compositores importantes, como Ary Barroso, Assis Valente, Zé da Zilda e Benedito Lacerda, no tempo em que as músicas despontavam no teatro, porque o rádio ainda não tinha muita força. No teatro, contracenou com Francisco Alves, "que era louco por mim", Oscarito, Eva Todor e Mesquitinha, entre vários outros nomes.

PIADA

Com Oscarito, ela lembra uma cena com a qual a Censura implicou "mas não chegou a vetar". "Numa revista, eu fazia uma mulata e ele, um português. Ele me dizia que eu era a Ilha de Paquetá dele, eu fiz o trocadilho que deu problemas. Perguntei: você quer é ver ilha? Entendeu? É um trocadilho com virilha. A pla-

téia morreu de rir." Não foi só nessa ocasião que deixou a plateia às gargalhadas. De uma vez, entrou ereto quando começaram a rir, fôz que reparou que calcara sapatos de cores diferentes. No outro ocasião Aracy, mais um vez apressada, chegou ao palco com um pente preso nos cabelos e só percebeu quando a plateia começou a rir.

Hoje, a estrela cansou desses atropelos e pretensões manter a paz. "Por isso - assinala - sou da Igreja Messiânica. Já passei pela quimbanda, rosacruz e umbanda. É ótir muito de umbanda. É ótir agora um preto-velho me depois de passar por essas rituais, acabei me decidindo para a seita messiânica. Ali é pido proibir."

Aracy Cortes, o brilho da 'linda flor'

ANA LIGIA PETRONI
Da sucursal do Rio

O olhar triste e distante recupera o brilho adquiredo nas décadas de 30 e 40 quando era chamada de "Rainha dos Brilhantes" e provocava verdadeiros tumultos nas portas dos teatros onde se apresentava. As pernas, fraldas e fidejéis, conseguem ressar autênticos milagres quando arriscam um sapateado, lembrando aquela maneta de dançar e rebolar no palco que encantou até platéias da Europa, principalmente de Lisboa e Paris. Mas a metamorfose dura apenas alguns minutos, o tempo necessário para a interpretação de seis músicas onde ela revive sucessos que tornaram famosa, como "Ai Ioiô", de Luiz Peixoto e Henrique Vogel, e "Os Rouxinóis", de Lamartine Babo.

Contando piadas em seu estilo e com a mesma característica de saber fazer rir, apesar da voz tremula e dos cabelos brancos, Aracy Cortes, a irreverente atriz do teatro de revista, que hoje completa 80 anos, ainda consegue tocar o teatro com seu público fiel, que não perde a oportunidade de vê-la mais uma vez.

"Acho que essa é minha despedida", comenta, ao dizer que está cansada da vida e que não tem mais nada. Ela está apresentando-se na sala "Sidney Miller", da Funarte, no Rio, no show "Linda Flor", que estreou na última terça-feira e ficará em cartaz até o próximo dia 7. Com direção de Arthur Lançaretas, a artista presta uma homenagem à arte que está em completo estado de abandono, "magaçada e com muita tristeza no coração".

"Ela só tem vida quando está no palco", afirma J. Maia, contra-regra de teatro, já apaixonado da estrala, que se acabou transformando numa espécie de empresário, amigo, pai, tábua de salvação. É ele quem lhe dá carinho e estímulo para impedir que ela se recuse a viver. Aracy Cortes não perdeu apenas a "Coroa de madame", que ostentava. Na verdade, ela perdeu tudo: as jóias, os carros

luxuosos que trocava a cada ano, as roupas bonitas, a possibilidade de gravar novos discos e, principalmente, muitos de seus amigos.

Atualmente ela ocupa um quarto alugado numa casa de roupas com dois em São Cristóvão e sobrevive com dois salários mínimos, pensão que lhe foi concedida na época do governo de Carlos Lacerda. Direitos autorais nunca recebeu e até o acervo de toda a sua arte, que estava na casa de J. Maia, Aracy Cortes não manteve. Ele foi vendido no ano passado para um pesquisador de música popular, Ary Vasconcelos, por Cr\$ 100 mil. "O material é muito valioso e quem deveria cuidar disso era o governo", ressaltava J. Maia, ao afirmar que infelizmente "esse país não tem memória".

Revolvida, magoada e muito le-

rida, Aracy diz que não gosta de falar de sua vida. "O Maia sabe de tudo, ele pode responder as perguntas, muito melhor que eu." Mas, aos poucos, vai falando daquilo que mais a faz sofrer: "Eu acho que mereceria, pelo menos, viver com um pouco de dignidade. Há oito anos estou tentando por uma aposentadoria especial, igual à que foi concedida pelo presidente a Henriette Morineau, e até agora não me deram nenhuma satisfação. Existem dias em que tenho muita raiva de viver".

Foi justamente com o objetivo de chamar a atenção das autoridades, em especial do presidente João Figueiredo e da população em geral, para o abandono de Aracy Cortes, que a Funart resolveu montar essa homenagem. Tudo está incluído no projeto "Linda Flor", também nome-

do disco que será lançado nesta semana, com gravações antigas da cantora, e do livro sobre sua vida, de Roberto Rautz, que utilizou o trabalho de pesquisa de J. Maia.

Mas o show, a princípio, não teria a participação de Aracy Cortes. "Nós apenas íamos prestar-lhe uma homenagem, revivendo seus principais sucessos na voz da cantora Marília Barbosa, que, vestida da mesma maneira que Aracy e no mesmo tom da cantora, interpretaria suas principais canções. Mas Aracy disse que gostaria de cantar também, e nós achamos que ela deveria subir ao palco mais uma vez. Isso é fundamental para a sua existência", diz o diretor do espetáculo.

O show está dividido em duas partes. Na primeira, Marília Barbosa, com talento e voz altíssima, canta "Ai Ioiô", a "Polícia foi lá em casa", de Olegário Mariano; "Na Praça", de Almirante; e "Jura", de Vinícius, entre outras. Depois entra Aracy Cortes, que também acompanha pelo conjunto Chorando Baixinho, se emociona ao cantar alguns de seus sucessos: no final, as duas cantam "Ai Ioiô", sempre sob os aplausos da platéia.

A alegria de Aracy termina. Após deixar o palco, ainda no camarim, volta aquela tristeza, aquela apatia de uma pessoa que já não espera mais nada da vida. "Estou sofrendo demais, já não tenho mais forças para lutar. E também não sei contra quem deverei lutar. Sei, apenas, que, mesmo esquecida e abandonada pelas autoridades, ainda tenho um público fiel, que não perde uma oportunidade sequer de me ver cantar. Mas não sou a mesma, sei que não sou a mesma."

Aracy Cortes começou a carreira em 1920, estreou em 1925 e percorreu a década de 30 no apogeu. Foi a primeira cantora a lançar o sambacão, foi "Rainha das Atrizes", "Rainha do Rádio", "Rainha da Música" e "Rainha dos Brilhantes". Sempre manteve teatros lotados e foi quem pela primeira vez se vestiu de baiana no palco.



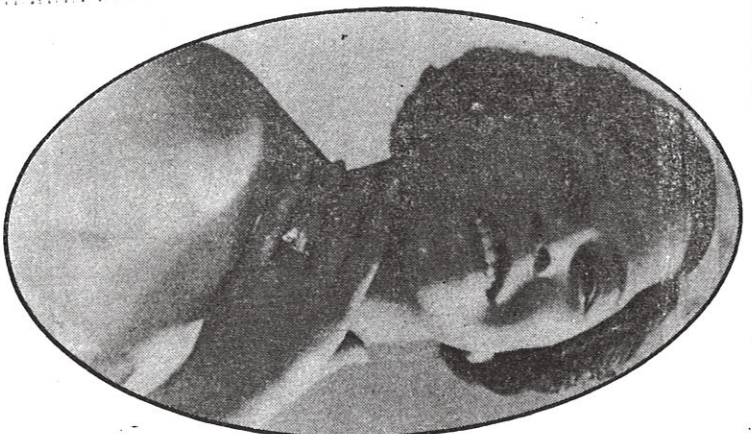
Aracy Cortes, com Paulinho da Viola, em 1965, e hoje

O enterro de Aracy

Cerca de 20 pessoas acompanharam ontem o enterro (foto) de Aracy Cortes — a Rainha do Teatro de Revista da década de 20 — no Cemitério São João Batista. Entre os presentes, fãs antigos dos seus espetáculos no Teatro Recreio, músicos que a acompanharam em seus shows, e J. Maia, a quem ela chamava de afilhado e que foi seu empresário, amigo, admirador e colaborador durante 20 anos. O corpo de Aracy saiu às 10h15m do Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, onde pedira a J. Maia que fosse velada, certamente pelo fato de nos teatros da praça terem encenado 398 peças musicadas. No saguão do teatro havia somente uma coroa

de flores, que prestava homenagem "à Rosa de Ouro eterna" e era assinada apenas por "um admirador". Todos, porém, sabiam que se tratava de Hermínio Bello de Carvalho, que a dirigiu no show "Rosa de Ouro", em 1965, no antigo Teatro Jovem, na Praia de Botafogo, e no qual foram projetados nomes hoje populares, como Paulinho da Viola. Ainda a pedido de Aracy, o corpo foi vestido com o traje de baiana por ela usado, no ano passado, na Sala Sidney Miller da Funarte, quando foi homenageada pelos seus 80 anos. Aracy estava enfeitada com as jóias de fantasia que trazia guardadas.

ARACY CORTEZ



Rainha do teatro de revistas, coube-lhe usar pela primeira vez a batiana que Carmen Miranda inventara. Seu último grande momento deu-se em Rosa de Ouro, ao lado de Paulinho da Viola e outros da nova geração



O ADEUS DA LINDA FLOR

☆ 1904 † 1985

ARACY Cortez — por muitos anos a primeira dama do teatro de revistas brasileiro, criadora de vitórias sucessivas da música popular e personalidade marcante da vida boêmia carioca — morreu triste.

Os últimos dos seus 80 anos foram vividos na pobreza e no quase esquecimento. Uma pensão de dois salários mínimos mensais, obrigando-a a morar num quarto alugado de casa de cômodo, até morrer — em definitivo ao Retiro dos Artistas, foi tudo o que conseguiu ao fim de uma carreira por vezes brilhante.

Mas era principalmente de lembrança desse brilho que vinha a maior parte da tristeza. No ano passado, recebeu várias homenagens por ocasião dos seus 80 anos, comemorados a 31 de março (algumas fontes dão erroneamente, que ela nasceu em 1906). Montaram-se shows, recitaram-se discos, escreveram-se reportagens em jornais e revistas. Um excelente livro contando sua história, de autoria de Roberto Ruiz, chegava às livrarias. As emissoras de rádio e televisão voltavam a falar dela. Mas era pouco. Para quem experimentara por tanto tempo a glória, era muito pouco.

— S6 vão me dar valor, mesmo, quando eu morrer — queixava-se a um jornalista no caminhar em que a cantora, Marília Barbosa preparava-se para fazer, na Sala Sidney Miller, um espetáculo revendo seus sucessos.

Transformara-se numa mulher amarga. Mais ainda por ter plena consciência de que a própria lembrança à condição de estrela, em 1942, supondo poder viver perfeitamente sem o aplauso do público

e as luzes da ribalta. Tentou voltar algumas vezes. Uma em 1957, na revista *O Bode Está Solto*. Outra em 65, em *Rosa de Ouro*. Embora alcançasse sucesso em ambas, não era a mesma coisa. Contudo, olhando para o passado.

Um passado realmente brilhante no mundo cheio de brilhos do teatro de revista. Cartoa da Rua do Matoso, filha do chorão Carlos Espinola, vizinha no Camuri de um chorão ainda maior chamada Frangumã, a menina Zilda de Carvalho Espinola sempre souhou com a vida artística. Primeiro, o arco, uma arte hoje esquecida mas que naquela época — décadas de 20 e 30 — levava humor, fantasia e música a todos os subúrbios da cidade. A moça de 17 anos que deixou a família para ganhar a vida sob a lona do Circo Democrático, na Praça da Bandeira, cantava e dançava maricote. Luis Peixoto, poeta e revisorólogo, que abriu-a para o teatro. Já com o pseudônimo com que se tornara famosa, estreou em 1922 na revista *Meus Casos*, no Teatro Recreio. Nos anos seguintes, scria a rainha da Praça Tiradentes.

A muitos fatores deve a sua popularidade. Um deles, a brasilidade. A quase totalidade das artistas de teatro de revistas em atividade no Brasil guiava-se pelo modelo francês, tinha uma mania de *haute couture*, parecia importada de um *maître-haillier* parisiense. A morena Aracy Cortez, de cabelos crespos, olhos vivos, corpo bonito que não procurava esconder com suas roupas usadas para os palcos da época, era brasileira em tudo, na malícia dos gestos, nas insinuações do olhar, no jeito pelo qual sentia das frases. Foi a primeira grande desbocada do teatro brasileiro.

Uma mulher de grande personalidade, também. E birigona. Muitas fendas se criaram em torno disso. Uma delas a de que teria birigado numa feira de livre tendo como arma um rolo que apanhou na barraca de peixes. Desmentiu essa história num especial para o *RADIO JORNAL DO BRASIL* em 1975. Desmentiu também ter dançado nua, apenas com um colar de pérolas, para um ministro. Mas confirmou algumas de suas explosões, como a sandália que atirou à cabeça de um maestro durante um ensaio.

— Ele me chamaram de negra, macaca! Gracas a uma dessas explosões, a música popular brasileira ganhou um de seus maiores clássicos: *Samba Flor*. Conta-se que ela cantava num ensaio o samba-cangaço composto por Henrique Vogeler com letra de Marques Porto (o samba, com letra original de Cândido Costa, já tinha sido lançado em teatro pela cantora Dulce de Almeida). A certa altura do ensaio, Aracy, com a franqueza habitual, parou a orquestra e disse:

— Esta letra é uma porcaria! Naquele ano de 1926, já era ela a grande estrela das revistas brasileiras, a mulher cujo título, um deles o de *Rainha dos Brilhantes*, levava multitudes às bilheterias do Recreio. Todos ficavam preocupados, Aracy recusando-se a cantar uma das músicas mas fortes do score. Foi então que Luis Peixoto fez, ali mesmo, no teatro, a nova letra com que a música se consagrara, transformando-se em marca registrada de Aracy: "Ai, tobi, eu nasci pra sofrê..."

Lançou muitos sucessos, a começar pelo célebre *Jura*, de Simão. Compositores desconhecidos tiveram seus primeiros êxitos pela voz atinada, calida, expressiva de Aracy. Como Assis Valente com o seu *Teu Francisco no Samba*. Durante toda a década de 30, imperou absoluta nos palcos do Rio. E também de outras grandes cidades, pois até em Buenos Aires sua gringa dengosa, sua coreografia miltica, sua arte, foram aplaudidas.

Mas a década de 40 começou a ver o declínio do gênero. As revistas, desde que a censura do Estado Novo passou a pesar sobre elas, mudaram de fisionomia: em lugar das câmbres pecantes, das piadas, das críticas políticas, entrou o luto. Foram-se os autores, passaram a imprimir os produtores. Não eram mais Luis Peixoto e outros revisorólogos que davam as cartas, mas homens como Walter Pinto, os Ziegfelds nacionais.

Aracy achou, equivocadamente, que seu tempo havia passado e parou pela primeira vez em 1942. Não quis tentar o rádio, não soube esperar pela televisão. Suas incursões no cinema foram breves, sem importância. Deixou que as chamadas da Albatarda nascessem e crescessem sem ela. Essa parada, prenatura — tinha apenas 38 anos — arruinou-lhe a carreira. Nunca mais retomaria o lugar que fora seu por duas décadas.

Mas continuou a mesma. Casou, desceu, viveu romances, conheceu gente, entretanto ficou pobre. Viveu intensamente, sem jamais perder a autenticidade e a brasilidade. Continuou brigando a vida toda. E amargou nos últimos anos. Estranhou que uma boate gr-fina de São Paulo convidasse

duas vezes a octogonária Albertina Hunter para cantar lá e a maioria das casas de espetáculos a achassem velha demais.

— Já pensou se eu tivesse nascido americana? Sempre disse o que pensava de tudo e de todos. Corajosamente. Da velha guarda, continuava fiel aos cantores do seu tempo, preferindo a voz operística de um Vicente Celestino ao canto intimista de um João Gilberto, que um dia ousou interromper um velho sucesso dela, *Malé*.

— E pessimo. E muito fresco. *Rosa de Ouro* foi seu último momento de glória. E um encontro com uma nova geração que então surgia. Paulinho da Viola, Elton Medeiros. Deve ter pensado na época o quanto havia perdido por ter decidido não cedo. Vinte e três anos a separaram daquela parada em 1942. E no entanto ainda era capaz de emocionar as platéias, de fazer os fãs vibrarem.

Alguns desses fãs jamais a abandonaram. Como o fiel amigo J. Maia que a acompanhava, com inocente fidelidade, até o fim, cuidando dela de seus recortes, de suas roupas, inclusive a batiana famosa que ela usou pela primeira vez no palco e que depois Carmen Miranda imitou tão mal.

Aracy Cortez foi rainha de uma época. Em que o teatro musical brasileiro era extremamente mais rico, imaginativo e realmente brasileiro. Quando seu corpo saiu do Teatro Recreio, onde está sendo velado desde ontem, para o Cemitério São João Batista, onde será sepultado às 9 horas de hoje, mais do que uma época, toda uma arte estará partindo com ela.

Evandro Tinhera



"A lançadora disso tudo que está aí sou eu"

Aracy Cortes, aos 80 anos: 'Linda flor' sobe de novo ao palco



"Nunca precisei ser cortista, é entrei estrelinha"

7 MAR 1984
PESQUISA

SHEILA KAPLAN

Durante o ensaio, na Sala Funarte Sidney Miller, do espetáculo "Linda flor", que estreia hoje, às 19h30m, e fica em cartaz até dia 7, Aracy Cortes, sentada na primeira fila da plateia, assiste à cantora Marília Barbosa, acompanhada do conjunto Chorando Baixo do conjunto Chorando Baixo, interpretar alguns de seus maiores sucessos. Miss-lolô, de Luiz Peixoto e Henrique Vogeler; "Jura", de Sinhô; "Carinhoso", de Pixinguinha e Jôdo de Barro (cuja primeira letra era de sua autoria); "Aquela do Brasil", de Ary Barroso; "Flor do lado", de Ary Barroso; "Na Pareda", de Amintarte; e "Os rouxinóis", de Lamartine Barbo. Vestido estampado, um pou-

quinto de rouge no rosto bem marcado — o espetáculo, dirigido por Arthur Iriarte, é uma homenagem a seus 80 anos — Aracy aplaude ao fim de cada cântico, elogia, opina. "Tem que se remexer mais", diz para Marília Barbosa, que, ao descer do palco, revela: "você não sabe como é difícil cantar para você, Aracy, fiquei geladinha".

O trio sentido pela cantora se explica: Aracy é uma legendaria na história da música brasileira. Zilda de Carvalho Espinoza, seu nome verdadeiro, estroou aos 16 anos no Circo Democrata, lançada pelo Danço e ator Benjamim de Oliveira. Do circo, ela foi para a revista — o primeiro sucesso foi com "Secos e molhados" — e logo se transformou em estrela. "Nunca precisei ser cortista", conta. "já entrei estrelinha". Ela já era bastante conhecida quando, em 1928, na revista "Miss Brasil", no Teatro Recreio, cantou "Alô, alô" — que chama hoje de

Aracy Cortes e Marília Barbosa: companheiras de show



"hino da música brasileira" — e o público delirou. Esta música já tinha sido apresentada por outros intérpretes, com duas letras diferentes — o nome original era justamente "Linda flor" — sem alcançar repercussão. Ao lançar "Alô, alô", Aracy lançou também um gênero musical, o samba-cântico. No mesmo ano, a cantora faz novo sucesso, com "Jura", mostrada ao público na revista "Microfônia", no Teatro Fênix.

Pioneira, Aracy ousou cantar samba num tempo em que, como ela diz, "só se cantavam operetas ou música americana". Lançando também compositores (como Assis Valente), encantando plateias de outros países (principalmente, Argentina e Portugal), ela teve sua fama reconhecida por inúmeros títulos de rainha do rádio, das artizes, dos brilhantes, e até imperatriz — da Praça Tridentes — ela foi

apresentada por que luta há 80 anos ainda não foi consagrada, sou a alegação de falta de comprovação de seus anos de trabalho. "So talta o João Assinar, e agora ele vai sair, não vai?", se atreve Aracy, referindo-se ao Presidente da República. Ela, no entanto, não gosta muito de falar no assunto: "Ficam me perguntando onde moro. E só para bisbilhotar, para especular. No meu tempo, o INPS não existia. Depois, os empresários desconstavam de mim e não me pagavam. E, no entanto, foram (e são, como mostra o espetáculo) que estrêla hoje) mais de 80 anos de atividades. Valeu a pena? Ela hesita um pouco, mas quando responde é entusiasmada: "Valeu e vale até hoje. As pessoas que me estimam, essa público gostoso que é minha família, não tenho queixas do público de jeito nenhum. Só muito carinho e muito amor."

Na próxima terça-feira, dia 6 de abril, a Funarte lança o espetáculo "Aracy Cortes — Linda flor" de Roberto Ruiz, e um dia depois, de mesmo nome, produzida pelo mesmo Ruiz, o espetáculo partir do aproveitamento de marizes antigos cedidas por pesquisador Jairo Severina. O elenco inclui, ainda, uma vez ao vivo do espetáculo histórico da cantora com o cob do Bandolim, no Teatro Jovem, em 1965.

Araci Cortes, a morte à distância do sucesso

Os últimos anos de vida da "Rainha dos Brilhantes", Araci Cortes, não foram dos melhores. Esquecida e na miséria, a cantora que na década de 30 e 40 provocava verdadeiros tumultos nas portas dos teatros onde se apresentava morreu ontem de madrugada no Retiro dos Artistas, no Rio, vítima de uma parada cardíaca. Ela tinha 80 anos — algumas fontes dão 1906 como o ano de seu nascimento — e estava no Retiro há dois meses e meio, depois de ter recebido alta de um hospital do Inamps, onde estava recuperando-se de um derrame. Embora tenha morrido por volta das 3 horas da madrugada, somente depois das 14 horas é que o corpo da cantora deixou o local, sem que nenhuma pessoa tivesse aparecido para Araci Cortes está sendo velada no Teatro João Caetano e seu sepultamento será hoje, às 10 horas, no Cemitério de São João Batista.

Araci Cortes obteve dinheiro e glória durante sua vida artística, que começou aos 16 anos, num circo, e estourou no teatro de revista com o espetáculo "Secos e Molhados"; onde ela aplicou tudo o que aprendera no circo, além da bela voz e do talento de atriz que sabia fazer rir. Mas do mesmo modo que se tornou conhecida da também como a "Imperatriz da Praça Tiradentes", assim como foi a primeira cantora a lançar o sambacangão, mantendo o teatro lotados e arastando ao Rio de Janeiro fazendos "coronéis", banqueiros e homens de fortuna para ver a cantar, Araci conheceu o outro lado da existência, o da dificuldade para sobreviver. Com o tempo, ela não apenas perdeu os títulos que ostentava. Na verdade, perdeu tudo: as jóias, os carros luxuosos, que trocava a cada ano, as roupas bonitas, a possibilidade de gravar novos discos e, principalmente, muitos de seus amigos.

Em suas últimas aparições, no ano passado, quando se apresentou ao lado de Marília Barbosa em São Paulo e no Rio, as rugas dos 80 anos já tinham 80 anos, estava muito lucida, a ponto de enfrentar mais uma vez e como nos velhos tempos, um palco. Primeiro foi no Rio, poucos dias, mas casa cheia. Depois São Paulo, também por apenas algumas sessões, junto com Marília Barbosa, na Sala Funarte. Era maio, junho de 1984. Araci Cortes, uma das mais famosas cantoras e vedetes do Brasil, fazendo sua última apresentação pública, relembrando alguns nomes que lançaram, nomes que se tornariam fundamenteis para a música popular brasileira, como Noel Rosa e Assis Valente. E era mais ou menos isso que Araci Cortes pretendia em "Linda Flor".

"Meu repertório é um tesouro", dizia ela na coletiva organizada pela Funarte para esse último show. "Coisa muito fina, que ninguém consegue imitar", completava. Mas ela sabia que era seu último show. "Estou muito cansada." Naquelas noites de final de maio e início de junho, a mesma Sala Guiomar Novães da Funarte, a entidade de prestava uma outra homenagem à artista: um livro de Roberto Ruiz sobre essa vedete e cantora que atrai gente de longe para vê-la atuar e um disco que gravou com a mesma Marília Barbosa que a ajudou no show. "Araci Cortes — Linda Flor".

Depois de suas apresentações no ano passado, Araci sofreu um derrame e quase morreu por falta de atendimento médico. Todos os hospitais para onde foi encaminhada se recusaram e atendeu-a, sob a alegação de que ela não era contribuinte do Inamps. Ainda internada, finalmente foi-lhe concedida uma pensão especial, no valor de cinco salários mínimos. Era meados de outubro. Ontem, três meses depois, ela morreu.

Nesse período Araci Cortes era só descrença, desânimo. Ocupando um quarto alugado numa casa de comodos em São Cristóvão e sobre-vento com dois salários mínimos, ela do governo de Carlos Lacerda, era uma mulher alegre somente quando pisava no palco, no espetáculo "Linda Flor". Mas logo após deixar o apiauso, ainda no camarim, voltava aquela tristezinha, aquela aparência de uma pessoa que não espera mais nada da vida. "Estou sofrendo demais, já não tenho mais forças para lutar. E também não sei contra quem deverei lutar. Sei apenas que mesmo esquecida e abandonada pelas autoridades, ainda tenho um público fiel, que não perde uma oportunidade sequer de me ver cantar. Mas não sou a mesma, sei que não sou a mesma."



